

FILOSOFIA E EDUCAÇÃO SEXUAL: CONSTRUÇÃO DE UMA SEXUALIDADE CRÍTICA NA PRÁTICA METODOLÓGICA DO GETEFS-NEP

Gabriela Costa Favali
gabyfavali@gmail.com – UEPA/UFPA
Amanda Dias
amanda.edusex@gmail.com - UEPA

Resumo

O artigo traz a proposta de educação sexual dialógica implantada em escolas de Belém-PA pelo Grupo de Estudo e Trabalho em Educação Freireana e Sexualidade - GETEFS/NEP/UEPA, embasada na Filosofia e nos pressupostos freireanos, contraposta à dessexualização educacional. É uma pesquisa-ação realizada mediante grupos dialógicos ao longo de um ano letivo, que relaciona os saberes curriculares ao empírico dos participantes resultando uma maior dialogicidade, mudanças significativas comportamentais e da relação educador-educando. A Filosofia e os pressupostos freireanos são, assim, construtivos de uma sexualidade efetiva e libertadora.

Palavras-chave: Educação Sexual, Filosofia, Pedagogia Freiriana.

PHILOSOPHY AND SEX EDUCATION : A CONSTRUCTION OF SEXUALITY IN CRITICAL METHODOLOGY OF PRACTICE GETEFS - NEP

Gabriela Costa Favali
gabyfavali@gmail.com - UEPA / UFPA
Amanda Dias
amanda.edusex@gmail.com - UEPA

Abstract

The article presents the proposal for dialogue implemented sex education in schools in Belém-PA for the Study and Working Group on Freirean Education and Sexuality - GETEFS / NEP / UEPA , based on Freire's philosophy and assumptions , as opposed to educational desexualization . It is an action research conducted by dialogical groups over a school year , which lists the curriculum to the empirical knowledge of the participants resulting in a more dialogical , behavioral changes and significant teacher - student relationship . Philosophy and Freire's assumptions are thus building an effective and liberating sexuality.

Keywords: Sex Education, Philosophy, Freire's Pedagogy .

INTRODUÇÃO

Para vislumbrar claramente uma proposta educativa da Educação Sexual é preciso compreender que não há educação sexual sem uma análise crítica da própria sexualidade, através de núcleos dialógicos sem reducionismos modistas ou purificantes. Vasconcelos (1973) afirma:

Parece, pois, que uma educação sexual não pode prescindir, inicialmente, de um questionamento crítico das noções sexuais correntes. Porque, decididamente, não se trata de ensinar a sexualidade, mas de preparar as condições de desenvolvê-la em seu contexto pessoal, de criá-la. E não se prepara condições, senão em uma perspectiva criativa, de dar condições a uma elaboração pessoal. É, então, o sentido criador mesmo que deverá ser a meta de uma educação sexual. Afinal, a sexualidade é um modo de expressão, liga-se estreitamente à sensibilidade constituindo, com ela, essa atividade essencialmente humana que é o erotismo. A palavra erotismo não designa aqui e não poderia designar em parte alguma, a não ser por melancólica deformação, lubricidade ou devassidão. Designa exatamente aquilo que no homem faz a sexualidade humana, a sua capacidade de inseri-la num contexto simbólico-significativo, de fazer dela uma sinalização e uma mensagem, um chamado e uma conquista. Os ritos da sexualidade, a corte amorosa, a provocação sensual que se manifesta no olhar, nos gestos, enfim em toda a corporeidade, são as variadas faces do erotismo, que se radica, enfim, numa valorização e numa dignificação do corpo. (apud NUNES, 1996, p.25)

Daí, devemos pensar em uma Educação Sexual efetiva, estética, que perpassasse as noções da pornografia sexual e construa as bases de uma motivação pela busca da beleza interpessoal. Uma Educação Sexual que forneça informações, também fisiológicas, mas que, principalmente, informe sobre suas interpretações culturais e possibilidades significativas, que conheça o que é próprio do ser humano natural e culturalmente, permitindo uma tomada lúcida de consciência. Essa procura por uma significação para a sexualidade em construção é essencialmente filosófica e ética.

As primeiras questões filosóficas resgatam a potencialidade do ser humano como ser pensante, que ama, que sente e se comove pelo outro e pelo mundo. Uma noção de cidadania que se torna base para uma educação sexual emancipatória, na construção de uma sexualidade humanitária. O sexo compreendido apenas pela ótica biológica classifica a sexualidade como uma marca essencialmente humana, analisando a significação existencial e social dentro e sobre uma possibilidade biológica. Somente pela ótica cultural podemos falar de sexualidade plenamente. Considerar da sexualidade humana “somente seu caráter reprodutivo é retirar dela sua significação humana, estética, social, inclusive espiritual, redundando numa afirmação materialista, biologista e reducionista” (NUNES, 1996, p.30).

É pela dialogicidade da sexualidade (base do pensamento filosófico), do ser humano consigo mesmo e com o mundo (princípios do conceito freireano de educação) que se constrói o espaço do desejo e da afetividade, da erótica plena, de homens livres, da completa superação de

formas de machismo, de violência sexual e de violências políticas, de vivências neuróticas e de intolerâncias competitivas.

Assim sendo, em 2012 foi iniciada a pesquisa de campo parte do projeto de Educação Sexual proposto em TCC de Pedagogia da, então, acadêmica Gabriela Costa Faval. Nele, além das críticas feitas à não aplicação dos temas transversais na prática docente e dos processos de dessexualização da educação escolar, se apresentava como proposta o uso dos fundamentos filosóficos e freireanos como elementos fundamentais para o surgimento da prática efetiva da Educação Sexual. Os resultados foram suficientemente relevantes e positivos a ponto de darem surgimento ao Grupo de Estudos e Trabalho em Educação Freireana e Sexualidade – GETEFS, vinculado ao Núcleo de Educação Popular Paulo Freire – NEP, da Universidade do Estado do Pará-UEPA, sob a coordenação geral da Prof^ª. Dra. Ivanilde Apoluceno de Oliveira, que passou a atuar periodicamente nas escolas lóccus da pesquisa inicial e em outros espaços.

Atualmente o GETEFS orienta a prática dos educadores e educadoras do Lar de Maria, uma casa de fundamentos espíritas que atende crianças órfãs e em situação de risco e idosos, no bairro de São Braz, centro de Belém, onde atingiu os resultados mais positivos aos objetivos educacionais da sexualidade.

1. A FILOSOFIA COMO ELEMENTO DA SEXUALIDADE HUMANA

A prática do GETEFS tem suas origens na teoria freireana e na filosofia. Esta última por permitir os questionamentos ao senso comum que proporcionam a análise ampla da sexualidade. Assim, a Filosofia passou a ser imprescindível para o desenvolvimento das questões sexuais, fosse para refutá-las ou para confirmá-las.

O recurso à Filosofia deve ser entendido como uma atitude histórica e cultural do homem em relação ao seu tempo e seu mundo. Sartre (1960, apud NUNES, 1996) afirma que,

Nada mais é dialético do que o movimento real, o complexo movimento do mundo e do pensamento, numa síntese dinâmica, ação recíproca, a negação, a contradição e o dinamismo, à qual a lógica estática não atribui senão valor negativo, mas a consciência dialética transforma-a em elemento ativo e fecundo, sem o qual não há desenvolvimento nem vida. (SARTRE, 1960, apud NUNES, 1996, p.10)

Esta é exatamente a atitude que se dispõe a discutir a sexualidade humana em um esforço de compreensão de seus contornos, através de suas inter-relações, pelas suas contradições externas e internas, seus vínculos e manifestações,

Compreendendo que as significações ideológicas de cada época e período histórico consagram profundas e visíveis interdependências com os códigos de poder e com os

interesses econômicos dominantes. Somente o método de análise dialética nos permitirá vislumbrar estas ligações entre sexualidade e poder. (NUNES, 1996, p.13)

A Filosofia busca a compreensão do ser humano historicamente constituído como consciência, ação e cultura, entendendo a sexualidade como espaço formado entre a sociedade e a subjetividade, constituída por mecanismos que vão desde o campo econômico até o estético e atingem o campo ético-político. É necessário mencionar que toda sexualidade está formada em uma determinada visão de mundo e que esta se configura no imaginário coletivo de uma época.

Através da prática implantada com o projeto, buscou-se construir o pensamento filosófico crítico, que permitiu aos indivíduos questionar sua realidade pessoal e social. Conjuntamente ao uso da Filosofia, inseriram-se os conceitos freireanos de respeito e valorização dos saberes do educando:

[...] pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996: 30)

Chauí (1999, p.12) afirma que “a primeira característica da atitude filosófica é negativa, isto é, dizer não ao senso comum, aos pré-conceitos, aos pré-juízos, aos fatos e às ideias da experiência cotidiana, ao que todo mundo diz e pensa, ao estabelecido”.

Concordamos com Chauí que precisamos fazer crítica aos pré-conceitos e aos discursos ideológicos. No entanto, a proposta aqui apresentada, por embasar-se em conceitos educacionais freireanos, opôs-se ao olhar negativo sobre o senso comum, tendo em vista que este é considerado base de vivências e experiências que constituem o conhecimento do indivíduo, e passou a utilizar-se dele para construir a criticidade, como afirma Freire ao dizer que,

Como presenças no mundo, os seres humanos são corpos conscientes que o transformam, agindo e pensando, o que os permite conhecer ao nível reflexivo. Precisamente por causa disto podemos tomar nossa própria presença no mundo como objeto de nossa análise crítica. Daí que, voltando-nos sobre as experiências anteriores, possamos conhecer o conhecimento que nelas tivemos. (FREIRE, 1981, p.72)

Assim, a discussão da sexualidade humana se inicia, igualmente, pela negativa que provoca o questionamento das ideias pré-estabelecidas pela sociedade, portanto, inicia-se mediante uma atitude filosófica.

Conforme a teoria freireana, a prática educadora é vista como um ato de intervenção sobre o mundo, tanto aspirando a mudanças radicais quanto pretendendo, contrariamente, imobilizar a História e manter a ordem justa. Nessa contradição, raramente percebemos que somos incoerentes ao pregar um discurso progressista e mantermos uma prática autoritária. De

igual modo, tentamos dar à educação uma neutralidade que não existe e que, segundo Freire, se define como “a maneira cômoda, talvez, mais hipócrita, de esconder” nossas opções ou nosso medo de acusar as injustiças (FREIRE, 1996, p.112).

Desta forma, compreende-se que para garantir a realização, em sala de aula, de discussões relacionadas à Orientação Sexual (aqui tratada por Educação Sexual por entender-se a orientação como um direcionamento do educando e compreender a Educação como uma mediação entre o educando e o saber), mantendo-se a transversalidade dos debates e garantindo a interdisciplinaridade da prática, é necessário que se compreenda que a sexualidade não é “inserida” no aluno através de conteúdos pré-determinados, mas acompanha o indivíduo desde seu nascimento e deve ser trabalhada a partir das vivências do educando e da sua compreensão de mundo, tendo-se em conta seu contexto social, familiar, político, religioso e educacional, e propiciando-lhe meios de desenvolver sua criticidade, para que concretize ou reformule seus próprios conceitos e atitudes.

A Educação em Paulo Freire pressupõe a dialogicidade como ato educativo. Para Freire (1977, p.92), “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”. A “palavra verdadeira” que nutre a existência humana seria, então, a ação de transformar o mundo verbalizada na prática, no encontro dos seres humanos. Negar a homens e mulheres o direito de verbalizar o mundo é impedir-lhes a significação enquanto seres humanos e a reflexão sobre sua própria realidade.

Sem o diálogo construído pela práxis educativa, a sexualidade passa a ser manipulada, dirigida pela unilateralidade do educador e perde sua função crítica e transformadora. Para o educador dialógico os conteúdos não são impostos ao educando, a sua prática não se fundamenta em transmitir conhecimentos como se o educando fosse uma caixa vazia, mas em permitir a tomada de consciência, devolvendo ao povo o que lhe foi entregue de forma inestruturada. Atuar sobre os seres humanos sem a dialogicidade é exercer-lhes a dominação, doutrinando-os de forma a garantir a manutenção da realidade, sem alterá-la.

1.1. Ações Pedagógicas em Educação Sexual nas escolas de Belém

As primeiras atividades efetivas da pesquisa-ação em Educação Sexual ocorreram ainda na fase de pesquisa de campo do TCC, em três escolas públicas da periferia de Belém (PA), a E. E. F. Donatila Santana Lopes, a E. E. F. Emiliana Sarmiento e a E. E. F. M. Dr. Justo Chermont, todas localizadas no bairro da Pedreira, periferia de Belém. Os primeiros encontros de cada escola foram feitos com os alunos das turmas participantes, de onde foram obtidas as

perguntas iniciais, feitas pelos educandos de forma anônima, usando-se a metodologia da “Caixa de Segredos” e que eram levadas ao segundo encontro, este com os pais. Dessas questões iniciais, definia-se a temática a ser debatida no encontro seguinte, onde recomeçava o ciclo de debates.

a) Relatos de violência doméstica na E.E.E.F. Profa. Donatila Santana Lopes

Na escola Donatila Santana Lopes o projeto não enfrentou resistências por parte dos gestores e docentes, porém, não houve participação destes. Sendo assim, se iniciaram atividades no mês de agosto com a turma 12, às terças feiras pela manhã, com um total de 37 alunos na faixa etária entre 10 e 14 anos. Somente no terceiro encontro contamos com a presença da Prof^a. Paula (temporária do Mais Educação). Nesse encontro foram usados como temas geradores os questionamentos feitos pelos alunos no encontro anterior e que haviam sido previamente apresentados aos pais durante reunião do dia 27.

Foram usadas três questões centrais para iniciar os debates, das quais destacamos: “*Por que homens se drogam, bebem e chegam em casa eles batem na mulher deles?*” foi justificada por acreditarem que as drogas deixam a pessoa “louca”. Esclareceu-se que toda e qualquer droga altera o sistema nervoso da pessoa, provocando reações violentas ou estranhas, mas que haviam homens que sentiam prazer em provocar dor ou medo e exemplificou-se usando uma situação exibida em novela da Rede Globo, na qual o marido espancava a mulher com uma raquete. Todos recordaram da novela e comentaram a respeito. Aqui ressaltamos a fala de “João” que relatou receber surras diárias do padrasto em decorrência do uso de drogas e bebida. O aluno completou seu relato dizendo “*eu odeio meu padrasto, quero que ele morra!*”.

Ao longo dos encontros são identificadas falas de caráter pessoal e depoimentos extremamente relevantes para o trabalho da Educação Sexual, muitos deles identificando direta ou indiretamente situações de violência doméstica e sexual que na maioria das vezes passam despercebidos ou são ignorados pela instituição escolar, mas que, devido ao estabelecimento de uma relação crescente de confiança entre o pesquisador e os educandos, surgem naturalmente entre os comentários. Entre os educandos são observadas mudanças de comportamento e um estreitamento das relações educador-educando que facilitam o surgimento de novas situações e análises. Nos dois últimos encontros destacam-se a denúncia do uso e oferta de drogas por alunos inseridos ao grupo, no espaço escolar, e questões sentimentais no âmbito familiar, que só chegaram ao conhecimento do pesquisador pela confiança construída com os alunos.

b) Os Encontros na E.E.E.F.M. Dr. Justo Chermont – A sala 701

Na Escola Dr. Justo Chermont a atuação se deu em três turmas, sendo duas de Ensino Fundamental e uma de Ensino Médio.

O 1º encontro pedagógico de Educação Sexual com os adolescentes do turno matutino da turma 701 contava com 23 educandos com idades entre 11 e 16 anos. Porém, foi nos encontros seguintes que obtivemos um resultado mais significativo, cujo tema gerador foi “questões familiares”. Observou-se que muitos alunos ficaram reticentes à discussão. O tema foi desenvolvido em duas semanas, sendo utilizada a primeira para realização de duas dinâmicas, uma em formato de teste de personalidade onde se identificariam valores pessoais do educando e outra intitulada “Comunicação” onde, a partir do desenho de um corpo humano, seriam propostas as seguintes questões:

- a) Nos olhos: 4 pessoas (2 que admira e 2 que repele);
- b) Na boca: 3 expressões das quais se arrependeu de ter dito/feito;
- c) Nos ouvidos: 3 palavras que escutou e lhe causaram dor;
- d) Na cabeça: 3 ideias que reflitam o que pensa sobre sua família;
- e) No coração: 3 motivos para amar a família que tem;
- f) Nas mãos: ações inesquecíveis que realizou no lar;
- g) Nos pés: as piores enrascadas em que se meteu.

A partir das respostas obtidas foram identificados conflitos sérios dentro do espaço familiar, destacando-se escritos como “Odeio meu tio, ele chega bêbado e bate em todo mundo, principalmente em mim”, “Minha mãe me chama de aborto mal feito”, “Meu pai disse que eu não devia ter nascido”, “Domingo meu pai me deu o primeiro abraço, gostei”, “Não tem jeito, tenho que amar a família que tenho, não posso trocar”.

As falas dos alunos desta turma revelaram um interesse muito grande em questões familiares, de relacionamento e específicas sobre sexualidade.

A turma 301, pertencente ao 3º ano do Ensino Médio, teve algumas características próprias. A primeira delas é a utilização, desde um princípio, das perguntas abertas, sem utilização da “caixa de segredos”. A segunda é a participação ocasional de alguns docentes nos encontros. Aqui, daremos destaque ao último encontro realizado com a turma, pela relevância dos resultados obtidos.

Tendo escolhido no encontro anterior o tema “virgindade”, os educandos formaram três grupos: o grupo A, designado pelos alunos como “Safadinhos” que defenderia o direito a perder

a virgindade antes de casar; o grupo B, chamado de “Puritanos” que se posicionaria pela castidade até o casamento; e o grupo C, intitulado “Casa de Deus” que fazia intervenções usando o comando “SANTUÁRIO”, defendendo o posicionamento das religiões. Os grupos A e B não poderiam fazer referências religiosas. O debate foi registrado em forma de vídeo e se iniciou por cada grupo expondo sua visão sobre o significado da virgindade. O tema se desenvolveu em dois encontros e contou com a participação do professor de História da escola, integrando o grupo C.

Destacamos que os próprios educandos escolheram os grupos que integrariam e, ao final da divisão, os alunos que não eram mais virgens estavam compondo o grupo B, os alunos virgens e de maioria religiosa integravam o grupo A e os alunos ateus compunham o grupo C.

Houve exposição de posicionamentos, ideias, debates acirrados e, ao final, a conclusão de não haver certo ou errado na questão de decisão sobre seu próprio corpo, mas uma profunda inversão de posicionamentos que permitiu aos alunos analisar e compreender posições contrárias. Da mesma forma, os alunos religiosos, que tiveram que defender ideias próprias, desvinculadas das questões religiosas o que, segundo a fala da aluna J:

É difícil porque a gente se acostuma a fazer o que a Bíblia fala. Nunca tinha pensado porque EU quero ficar virgem até o casamento, sempre que me perguntavam, eu dizia ‘porque a Bíblia diz que isso é o certo’...agora eu vou dizer ‘porque eu quero’, agora sei que tenho que pensar sozinha, senão a ideia não é minha. (J, 15 anos)

Da mesma forma, outros educandos tiveram conclusões interessantes ao projeto:

Quando escolheram esse tema, virgindade, achei bobaquice. Pra quê falar disso? Mas fiquei curioso pra saber o que a senhora (professora) ia falar e vim. Foi bacana, entendi muita coisa. A gente não para pra pensar como isso é importante para as meninas, mesmo para as que querem perder a virgindade...elas sonham, como as outras também sonham...só que a gente não sabe, ou não quer saber. (R, 17 anos)

Cara, quando o L falou que não sabia porque as meninas reclamam tanto se isso (perder a virgindade) nem dói, achei que ele ia apanhar (risos), mas a reação das meninas é verdade, se eu fosse menina também ia ficar furioso, porque não dói na gente que é menino, mas nelas deve doer, eu acho. A gente tem que ter cuidado pra não traumatizar elas, né? (V, 18 anos)

Os meninos são muito “eles”, percebi isso no debate. Eles não pensam em como a gente se sente. Mas eu também pensei naqueles meninos que são obrigados a perder a virgindade cedo porque senão não é homem. Acho que eles tem que ter o direito de escolher, mas eles não tem, eles sofrem que nem a gente, só que ao contrário...eu acho isso. (N, 19 anos)

A sexualidade dialógica permite, não apenas questionar o que consideramos uma verdade determinante, mas também mudarmos de posição em relação a outros sujeitos, revendo conceitos e opiniões.

c) A Escola Emiliana Sarmiento – o choque entre o tradicionalismo e a sexualidade discente

Na escola Emiliana Sarmiento a temática da Sexualidade gerou desconfianças na equipe escolar e, portanto, foi a única que contou com aproximadamente 25 educandos, com idades entre 10 e 13 anos e 4 educadores locais, incluindo a diretora da escola, todos exercendo o papel de fiscalizadores dos conteúdos a serem ministrados.

Apresentou-se, como de costume, a “caixa dos segredos” e o compromisso de sigilo de seus conteúdos. Algumas crianças exigiram a promessa deste compromisso e, desta forma, as perguntas foram sendo colocadas pelos alunos na caixa. Após alguns minutos as perguntas foram sendo retiradas uma a uma e lidas diante da sala e em presença dos professores supracitados. Selecionamos a seguir algumas perguntas obtidas:

- a) Tem sexo de costas e de lado?
- b) O que é o sexo?
- c) Como saber quando seu corpo está pronto pra isso?
- d) Precisa de idade para amar?
- e) O que é ejaculação e ereção? Dar beijo na vagina pode pegar alguma doença? Na hora do sexo oral pegamos alguma doença contagiosa?
- f) O sexo pode ser obrigado?

Foi evidente a surpresa das professoras e da diretora, presentes nas atividades, diante dos comentários e perguntas feitas, demonstrando o total distanciamento da realidade sexual dos educandos. Após o encerramento da atividade, as mesmas relataram que os alunos haviam arrombado e invadido a biblioteca da escola para poder ver um livro que continha ilustrações dos genitais masculino e feminino. Em segundo também destacamos atenção especial à pergunta “f”, que pode significar indícios de aliciamento ou violência sexual.

Após as perguntas, percebeu-se que o cuidado tido no início, ao introduzir a temática para os alunos era desnecessário, pois os alunos apresentavam um contato muito mais direto com o sexo do que se supunha. Desta forma, as respostas foram sendo dadas e as perguntas foram lidas com total seriedade e naturalidade, deixando claro a todos que não haviam constrangimentos ou restrições nas falas.

1.2. O Lar de Maria: A confirmação da Educação Sexual crítica e dialógica

O Lar de Maria passou a contar com a presença dos pesquisadores do GETEFS em 2013. Contrariamente às anteriores esta era uma instituição não escolar que atende a jovens e idosos em situação de risco sendo, portanto, espaço ideal para identificar diversas temáticas.

Inicialmente duas turmas foram atendidas, a turma “Lealdade” na faixa etária de 12 e 13, e a turma “Coragem” na faixa etária de 14 a 16.

As perguntas que destacamos foram feitas pela segunda turma:

- Quando a mulher esta menstruada e faz relação sexual com seu parceiro sem camisinha, tem risco de engravidar?
- Por que falam que homens gostam de fazer sexo malinando com a sua companheira?
- Por que as pessoas acham que sexo é gostoso?
- Na hora de gozar adianta tirar de dentro da menina?
- Por que as religiões que eu não quero falar nomes, não permitem o sexo antes do casamento?
- O que é puberdade?
- O que é sexo oral?
- Por que transar é bom ou ruim?
- Por que todo mundo espera o casamento para transar?
- Como se começa o relacionamento sexual?
- Por que todo homem se masturba toda hora?
- Eu quero saber o que é sexo oral?
- Com quantos anos deve-se perder a virgindade? Tem uma idade certa?
- O que é fetiche?

As turmas apresentaram grande curiosidade, bom desenvolvimento dos debates e muito pouco acanhamento nos temas. Esta instituição foi a única que desenvolveu Capacitações docentes periódicas. Os educandos apresentavam conhecimentos sexuais provenientes do senso comum e os educadores não se viam preparados para lidar com tais questões, nem se percebiam partícipes do processo de sexualização.

Uma das atividades de maior destaque se deu no último encontro de 2014, quando os educadores expuseram suas maiores dificuldades na temática e debateram formas de trabalhá-las no cotidiano:

- Tenho dificuldade em explicar (para que eles entendam) aos meus adolescentes de 12 a 14 anos que eles não são mais crianças, pois o comportamento é infantil mais o corpo não, também trabalhar questões sobre homossexualidade, e questões relacionadas a higiene sexual.
- Muitas vezes a maior dificuldade, são com a turma dos adolescentes que acabam me bombardeando de muitas dúvidas sobre sexo e namoro.
- Como trabalhar com uma criança quando ela acha que a sala toda pensa que ela é lésbica ou gay, quando tem que formar pares do mesmo sexo? Como trabalhar a sexualidade em frente a danças do dia-a-dia?
- Tenho dificuldade para responder algumas perguntas como por exemplo: Como eu fui parar dentro da barriga da mamãe? Por as crianças terem muita dificuldade de relacionamento e confiança nos pais.
- Orientar as crianças na “escolha” de sua identidade de gênero e promover o respeito a essa diversidade, pois o grupo, uma pequena parte dele, ainda tem muita resistência. Gostaria que você também realizasse um trabalho com meu grupo Sabedoria. Att. Ana C. Cardoso Em: 13.10.2014 Grata.

- Penso que na instituição temos dificuldade maior com relação a postura dos pais, que às vezes não aceitam que se fale de forma objetiva sobre esses assuntos com seus filhos.
- Saber o que responder e como agir com o interesse recorrente das adolescentes pela figura masculina. Interesse esse pela aparência física.
- Como incentivar e construir o respeito entre si mesmo e com os outros, em relação ao seu próprio corpo?
- A dificuldade maior que tenho ainda é a mais clássica, não conseguir ter segurança e explicar com clareza e objetividade os questionamentos das crianças quanto à sexualidade.
- Responder: Sexo dói? Como se faz sexo, por que dói? Fazer sexo por trás, dói mais? Por que quando eu escuto música da vontade de fazer sexo? Obs.: Perguntas feitas por crianças na faixa etária de 11 a 12 anos.
- Trabalhar a questão do querer namorar com as minhas crianças de 6, 7 e 8 anos. Responder de forma correta, saber qual a forma correta na verdade os questionamentos das crianças de 11 e 12 anos.
- Adequação da linguagem a faixa etária das crianças. Como que as famílias receberão, através das crianças, os temas abordados sobre sexualidade.

O Lar de Maria permanece ainda hoje sob atuação do GETEFS, atuando tanto com educandos quanto com educadores, confirmando a possibilidade de uma Educação Sexual dialógica e crítica dentro de um espaço não-escolar.

Considerações Finais

O GETEFS integra o Núcleo de Educação Popular Paulo Freire, da Universidade do Estado do Pará – UEPA, onde recebe influências do Grupo de Filosofia com Crianças (GETEFF) e da teoria freireana. Suas atuações atendem a região metropolitana de Belém e as ilhas de Cametá-PA, adentrando à prática na Educação do Campo através das escolas de Cacoal e Maracú.

A sexualidade é, assim, compreendida pelo grupo, como um jeito de ser, uma linguagem expressa no vestir, no agir, no comportamento coletivo e individual, como instrumento identitário, relacionado diretamente à cultura, à linguagem, à história, à formação social e às transformações sofridas pelos indivíduos, perpassando as questões biológicas e físicas.

Para que a sexualidade seja crítica e dialógica é preciso que o sujeito se compreenda dentro de um contexto social, para que possa analisar e reavaliar seus conceitos, mudando-os sempre que considerar necessário ou encontrando elementos que o confirmem como adequado. Em ambos casos caberá a ele construir seu pensar independentemente ao que lhe é normatizado, percebendo que este processo faz parte de sua sexualidade.

O “dialogar” da sexualidade aqui pensada se produz inicialmente na oralidade comum às populações tradicionais, mas não se restringe à mera assimilação e, sim, se produz, se recria, se inventa no confronto entre o socialmente imposto e determinante e a compreensão da visão do outro, sobre o qual todas as normas atuam.

As pesquisas desenvolvidas pelo GETEFS comprova que a Educação Sexual efetiva e idealizada nos Temas Transversais não pode ficar à margem dos conteúdos educacionais e muito menos restringir-se a práticas esporádicas pelos docentes, mas deve efetivar-se em uma ação conjunta entre pais, professores, gestores e educandos. Deve ser pensada não “para” os educandos, mas a partir deles, de seus reais interesses, de suas vivências sociais e familiares, de suas dúvidas, inserindo o empírico ao curricular.

REFERÊNCIAS

CHAUÏ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 11ª Ed. São Paulo: Ática, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e terra, 1996 (Coleção Leitura).

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1977 e 1987.

_____. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981.

NUNES, César Aparecido. *Filosofia, Sexualidade e Educação: As relações entre os pressupostos ético-sociais e históricoculturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar* (tese de doutorado). Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, 1996.